

FAGULHAS VERMELHAS, CINZAS DE CHÃO: O NORDESTE BRASILEIRO E OS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS DE 1935 NO THE NEW YORK TIMES

João Gilberto Neves Saraiva¹

Resumo: Este trabalho aborda representações do Nordeste brasileiro produzidas nas páginas do jornal The New York Times durante a cobertura dos movimentos armados de 1935 que ficaram conhecidos como Intentona Comunista. Se apropria das discussões sobre representação e espaço. Ele pensa também nas formas como a região é apresentada nas páginas do diário norte-americano por meio dos seus correspondentes no país. Aborda as condições de cobertura da imprensa nacional e estrangeira no Brasil nos primeiros anos da década de 1930. Evidencia as imagens de um Nordeste das cidades, das sublevações militares e dos revolucionários comunistas produzidas pelo jornal nova-iorquino. Além de estabelecer aproximações e distanciamentos das representações da região ligadas à seca, fome e banditismo que então circulavam no Brasil e nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Nordeste, The New York Times, representações.

RED SPARKS, ASHES FLOOR: THE BRAZILIAN NORTHEAST AND THE REVOLUTIONARY MOVEMENTS OF 1935 IN THE NEW YORK TIMES

Abstrac: This paper deals with Brazilian Northeast representations produced in the pages of The New York Times coverage of the armed movements of 1935 became known as Communist Conspiracy. Appropriates the discussions about representation and space to think about the ways in which the region is presented in the American journal pages from their counterparts in the country. Discusses the national and international press coverage conditions in Brazil in the early years of the 1930s. Evidence images of a Northeast of cities, military uprisings and communist revolutionaries produced by New York Times and establishes similarities and differences of the representations in the region linked to drought, famine and banditry then circulating in Brazil and the United States.

Keywords: Northeast, The New York Times, represetations.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: jgilbertons@gmail.com

Li dias atrás, que o homem que ordenou a construção da quase infinita muralha chinesa foi aquele primeiro Imperador, Che Huang Ti, que também mandou queimar todos os livros anteriores a ele. Que as duas vastas operações – as quinhentas a seiscentas léguas de pedras contrapostas aos bárbaros e a rigorosa abolição da história, isto é, do passado – tenham procedido de uma só pessoa e fossem de certa forma atributos dela, inexplicavelmente me deixou satisfeito e, a uma só vez, inquieto².

As ações atribuídas ao imperador Che Huang Ti são o mote para a nota “A muralha e os livros” de Jorge Luis Borges. Evocamos as palavras do escritor argentino no início do artigo para recuperar, da série de reflexões que ele levanta, um desdobramento relacionado ao espaço e às publicações. O bibliógrafo assinala que cercar um império com muros e queimar os livros indesejados são atos conectados. Ele nos adverte que abolindo o passado e definindo um território, Che Huang Ti queria edificar um recorte no tempo e no espaço, dispor sobre o que e quem é permitido nos seus domínios através de novas configurações de pedras e palavras. Nesse sentido, nos lembra Edward Said³ que a luta pelo controle do território e a respeito do seu significado histórico e social estão intimamente atreladas.

Através do enlace destacado por Borges e Said seguimos aqui pelas trilhas das publicações em busca das formas pela qual se delimita e representa um espaço. Deixamos de lado agora a China Antiga para investigar a produção de um recorte espacial e suas relações com governos estabelecidos do outro lado do mundo e muito à frente no tempo, o continente americano da primeira metade do século XX. Nosso objeto de investigação são as matérias do influente jornal norte-americano *The New York Times*. Inquerimos suas notícias, artigos e reportagens preocupados como através de uma diversidade de textos e imagens se representou um recorte espacial dentro do território brasileiro, o Nordeste. O recorte temporal se situa na terceira década do século passado, vai de 1932 até 1935, período em que atuou o primeiro correspondente do diário no Brasil, Frank M. Garcia.

² BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 9.

³ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 441.

Nossa análise das matérias publicadas pelo *NYT* na década de 1930, realizamos um corte dentro de um vendaval de discursos que desde o século XIX dão conta do Nordeste brasileiro. Assim como Edward Said faz ao tratar do par Oriente-Occidente, atentaremos para que:

Todo aquele que escreve sobre o Oriente deve localizar vis-à-vis ao Ocidente; traduzida no seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto – todos os quais somam para formar os modos deliberados de se dirigir ao leitor, de abranger o Oriente e, enfim, de representa-lo ou falar em seu nome.⁴

Nos preocupamos com as narrativas sobre o espaço, a forma como ele é escrito, os temas e imagens utilizados nesse processo. Os deslocamentos e posicionamentos daqueles que escrevem são também importantes porque é a partir desses lugares eles produzem recortes espaciais que atendem a demandas específicas. Nos aproximamos de Edward Said quando este investiga a geografia imaginativa do Oriente, mas enquanto ele percorreu a literatura e produção científica europeia, nós seguimos a trilha das páginas do *The New York Times* para inquirir as representações do Nordeste brasileiro. Nesses caminhos não tivemos como prioridade verificar se o *Times*⁵ refletia uma imagem mais ou menos fiel do Nordeste, nos importamos em pensar que Nordeste é esse fabricado pelos jornalistas, que temáticas e representações utilizadas e em que conjuntura isso se deu.

Ao analisar esses conjuntos de recorrências pensamos no que Stephen Greenblatt⁶ chama de representações acumuladas, um conjunto de imagens dotadas de poder de reprodução que são aglomeradas em livros, arquivos, centros culturais, memórias, etc. e que são acessadas para formar novas representações. O crítico literário Stephen Greenblatt e o historiador Roger Chartier⁷ se aproximam ao pensar alguns aspectos que consideramos

⁴ Ibid. p. 50.

⁵ Para evitar repetições excessivas, por vezes utilizamos *Times* e *NYT* para se referir ao diário nova-iorquino.

⁶ GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 22.

⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990. p. 26.

essenciais para utilização dessas representações. O primeiro deles é que o representar é uma prática de apropriação muito distante da neutralidade, indivíduos e grupos articulam o seu capital mimético ou suas leituras – para ficar nos termos utilizados pelos dois respectivamente – para atender aos seus interesses específicos. Outro ponto é que esses novos discursos não são espelhos das relações sociais nem apenas produtos delas. Para Greenblatt e Chartier as representações são práticas que constroem as relações entre os indivíduos, são formas de relacionar um conhecimento prévio e se posicionar no mundo, através delas é possível investigar as hierarquias, tensões, aproximações e distanciamentos que compõem as relações sociais.

O *Times* é um jornal diário publicado desde 1851 que ao longo do século XX consolidou uma das maiores redes de cobertura da imprensa mundial. Ao tratar de um dos maiores e mais influentes jornais dos Estados Unidos, é relevante lembrar o alerta de Noam Chomsky e Edward Herman⁸ de que os grandes veículos de imprensa estadunidenses se vinculam com poderosos grupos econômicos e políticos. Ao longo do século XX, o *The New York Times* ao tratar de temas da economia e política geralmente apoiou agendas liberais e o Partido Democrata. Entretanto, o mesmo jornal já declinou candidatos democratas e preferiu republicanos, por exemplo, na eleição presidencial de 1956, quando apoiou o candidato republicano Dwight D. Eisenhower. O *NYT* se auto define politicamente como um jornal liberal⁹, no entanto mais pertinente do que pensar nesses rótulos políticos, nos aconselha Heloisa Cruz e Maria Peixoto¹⁰, é avaliar historicamente os posicionamentos e articulações para perceber projetos e alinhamentos diversos em cada conjuntura.

O historiador Boris Fausto¹¹ nos auxilia a retomar alguns acontecimentos políticos importantes da década de 1930. O primeiro ano dela marca uma virada na política brasileira, um golpe de estado que depôs

⁸ CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward D. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Patheon Books, 2002. p. XI.

⁹ Em 2004 o editor do NYT Daniel Okrent escreveu um editorial sobre os posicionamentos políticos do jornal. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/07/25/opinion/the-public-editor-is-the-new-york-times-a-liberal-newspaper.html> > Acesso em: 14 fev. 2014.

¹⁰ CRUZ Heloisa F; PEIXOTO, Maria do R. da Cruz. “Na oficina do historiador conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007. p. 264

¹¹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 319

o presidente Washington Luís e impede que o candidato Júlio Prestes, eleito pelo Partido Republicano Paulista chegue ao poder. No seu lugar uma junta militar colocou o candidato derrotado, Getúlio Dornelles Vargas que havia concorrido pela Aliança Liberal. O historiador classifica o movimento como uma revolução de elite, na medida em que foi planejada e executada por políticos e militares de alto escalão e a classificou como um problema de sucessão presidencial. De fato, a constituição de 1891 não permitia a reeleição e esta foi a primeira vez desde sua promulgação que um indicado pelo presidente não conseguiu assumir o cargo. No entanto, mais que uma simples crise de sucessão o golpe de 1930 revela uma complexidade de posições políticas que ganhavam impulso no país. O brasilianista Thomas Skidmore¹² vai nesse sentido ao esquadrinhar as forças políticas que apoiaram o golpe. Entre elas estavam oligarcas descontentes com o governo de Washington Luís, como o próprio Vargas e seu vice João Pessoa, grandes cafeicultores paulistas, militares de alta patente bem como os membros do tenentismo que defendiam propostas mais revolucionárias como a educação pública obrigatória e a reforma agrária, além de um governo central forte e o voto secreto. As primeiras medidas do novo governo se aproximam especialmente do segundo grupo, as casas legislativas foram fechadas, um sistema de interventorias que substituiu os governadores foi instalado, a constituição foi suspensa e o chefe do governo passou a governar por decretos.

Depois de instaurado o Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas, começaram os embates entre os grupos políticos diversos que haviam se afinado para o estabelece-lo, Dulce Pandolfi¹³ explora esses atritos. Entre as agitações e crises, a historiadora destaca um movimento revolucionário iniciado em São Paulo que recebeu apoio de lideranças gaúchas e mineiras. Insatisfeitos com as medidas centralizadoras do governo, bem como com a demora em se restaurar o estado de direito,

¹² SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 27

¹³ PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17.

DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ecloidiu um movimento armado em julho de 1932. O movimento objetivava, entre outros pontos, que os estados tivessem maior autonomia e que o governo estabelecido dois anos antes convocasse uma assembleia para produzir uma nova constituição para o país e realizasse eleições. Os revolucionários paulistas foram derrotados em três meses, mas pouco depois estava instalada no Rio de Janeiro a Assembleia Nacional Constituinte que terminaria seus trabalhos em 1934.

Essa efervescência na vida política do país nos primeiros anos da década de 1930 não estampa apenas as páginas da imprensa brasileira; jornais estrangeiros também dão visibilidade aos eventos. O *NYT* publicou sobre os eventos que ficaram conhecidos como a Revolução 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 a partir do serviço de notícias da *Associated Press*¹⁴, também sediada em Nova York. Utilizando a cobertura da *AP* o jornal¹⁵ tinha acesso as matérias de um correspondente da agência sediado no Rio de Janeiro, assim como todos os outros veículos de imprensa que possuíam contrato com a agência. Ainda no final de 1932, a sigla *AP* desaparece do início da maior parte das matérias enviadas da capital federal brasileira e no seu lugar aparece a informação: Telegrama especial para o *The New York Times*¹⁶, é a chegada do correspondente Frank M. Garcia.

Em sua história do diário, Gay Talese¹⁷ não se refere aos jornalistas contratados para atuar na América Latina. Acreditamos que certamente um dos fatores que contribuíram para a contratação de Garcia deve estar a agitação política que o país atravessava e o desejo de obter notícias exclusivas de acontecimentos como a guerra civil recém-terminada e o

¹⁴ A AP é hoje considerada uma das maiores agências de notícias do mundo. Ela se encontra em atividade de 1846, quando foi fundada por uma união de cinco jornais de Nova York que desejavam obter notícias da Guerra no Mexicano-Americana (1846-1848) direto do front. Informações obtidas no sítio eletrônico da companhia, disponível em <<http://www.ap.org/company/history/ap-history>> Acesso em 19 mai. 2014.

¹⁵ As notícias sobre o Brasil publicadas no *Times* entre 1930 e 1932 estão disponíveis em <<http://query.nytimes.com/search/sitesearch/?action=click®ion=Masthead&pgtype=SectionFront&module=SearchSubmit&contentCollection=todayspaper&t=gry696#/Brazil/from19300101to19321231/allresults/1/allauthors/oldest/>> Acesso em 19 mai. 2014.

¹⁶ “Special Cable to The New York Times”.

¹⁷ TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

golpe de estado anterior. Outro é a expansão da cobertura do jornal na América do Sul, já que em 1932 o diário mantinha um correspondente na Argentina chamado John W. White que também escrevia sobre as relações com os países vizinhos¹⁸. É relevante também lembrar da Política da Boa Vizinhança inaugurada no governo de Hebert Hoover alguns anos antes. Ela visava estreitar os laços dos Estados Unidos com os demais países do continente americano, especialmente com os países considerados aliados estratégicos pelo seu tamanho e importância econômica, como o Brasil¹⁹.

No final da década de 1940 foi publicado nos Estados Unidos uma coletânea de livros sobre personalidades da América Latina, o sexto volume dela é dedicado especificamente ao Brasil. Entre as biografias resumidas de políticos, industrialistas, advogados e artistas residentes do país encontramos o perfil de Frank Garcia elaborado por Ronald Hilton²⁰. A partir dele sabemos que o futuro correspondente nasceu no ano de 1887 em Porto Rico. Também somos informados que era casado e frequentou a Juniata College, instituição de ensino superior do estado norte-americano da Pensilvânia, mas não sabemos quando ou que curso. A pequena biografia de 1948 também traça uma cronologia de sua atuação profissional até então, ele trabalhou como repórter do jornal *Public Ledger* da Filadélfia entre 1914 e 1917. Depois dessa experiência atuou em empresas privadas até 1928 e quatro anos depois ingressou para o *New York Times* como correspondente no Brasil. Em 1945 ele fundou o jornal *Brazil Herald*, um serviço de notícias em inglês para circular no país. O perfil também lista as associações e clubes da qual Garcia fazia parte, entre elas estão: o Instituto Brasil-Estados Unidos, a Câmara Americana de Comércio para o Brasil²¹, o Gávea Golf and

¹⁸ No *hyperlink* fornecido na penúltima nota de rodapé, existem algumas matérias assinadas por John White que tratam das relações da Argentina com outros países da América do Sul.

¹⁹ TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 44.

²⁰ HILTON, Ronald. *Who's who in Latin America: part VI Brazil*. Standford: Standford University Press, 1948. p. 102.

²¹ Em inglês: Brazil-United States Institute, America Society of Rio de Janeiro, American Chamber of Commerce for Brazil. As duas últimas possuem sítio eletrônicos oficiais. Disponíveis, respectivamente, em: <<http://www.americansocietyrio.org/amsoc/default.asp>> e <<http://www.amcham.com.br/>>. Acesso em 19 mai. 2014.

Country Club e o Rio de Janeiro Country Club, onde circulavam apenas figuras de grande prestígio e poder econômico da sociedade carioca.

Se ainda no final de 1932 o novo correspondente começou a enviar do Rio de Janeiro matérias para serem publicadas nos Estados Unidos, apenas no ano seguinte o Nordeste brasileiro ingressou nas páginas do diário. Só que não em um texto de Frank Garcia e sim um artigo de Josias Carneiro Leão²², então funcionário do corpo diplomático brasileiro em território americano. Em um artigo extenso - quatro colunas completas - na famosa seção dominical de livros, ele se dedica a comentar algumas obras publicadas recentemente no Brasil, entre elas está uma de José Américo:

Um livro totalmente diferente é "Bagaceira" de José Américo. É um romance do Nordeste, o local de nascimento do autor: a terra sedenta, sem água, com suas longas filas de pessoas sem abrigo, a miséria da fome prolongada, a visão dolorosa do gado morto e pessoas mortas em meio a mata em chamas. Isto é realista: ele deve ter vivido.²³

Em sua resenha do romance de José Américo lançado cinco anos antes²⁴, o diplomata posiciona o enredo em um recorte específico dentro do país, o Nordeste. Segundo ele, este seria o espaço da seca e da miséria onde o literato teria nascido e sobre o qual escreveria com realismo. Assim a primeira vez que o Nordeste aparece no *The New York Times* ele é caracterizado a partir de um conjunto de textos e imagens produzidos no Brasil, mais especificamente no campo da literatura. A escrita "realista" de Américo apresentada no artigo aciona algumas das noções que acompanham o Nordeste até hoje caracterizando como um lugar de miséria e falta d'água.

²² Josias Leão foi um diplomata brasileiro que trabalhou em diversos países da Europa e nos Estados Unidos. Na década de 1930 já era reconhecido como um grande conhecedor das artes brasileiras, incluindo pintura, escultura e literatura.

²³ Todas as citações em inglês foram todas traduzidas pelo autor, segue em nota de rodapé a versão original em inglês de cada uma. NYT, 20 ago. 1933, p. 8. "An entirely different book is "Bagaceira" by José Américo. It is a romance of the Northeast, the birthplace of the author: a thirsty land, without water, with its long lines of homeless people, the misery of protracted hunger, the painful sight of dead cattle and dead people amid burning woods. It is must of realism: it must have been lived".

²⁴ O romance *A Bagaceira*, lançado em 1928 pela editora José Olympio, é considerado um dos marcos iniciais do regionalismo na literatura brasileira, seu enredo se passa no êxodo da seca do 1898.

A profusão dessas representações pode levar a pensar que essas são características inerentes desse recorte espacial. No entanto, a pesquisa histórica nos permite refletir sobre sua construção. Assim o fez Durval M. Albuquerque Júnior²⁵ ao estabelecer a região Nordeste como uma unidade criada a partir de uma multiplicidade de falas, práticas e histórias a partir do final do século XIX. Nas primeiras décadas do século XX a literatura, da música, a sociologia, a economia e o cinema tem um papel fundamental para demarcar o que é o Nordeste. Escritores como Graciliano Ramos, músicas de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, intelectuais como Gilberto Freyre atuaram em seus trabalhos para produzir este espaço-problema dentro da nação, estereotipado pela seca, pelo messianismo, pelo banditismo. O artigo de Carneiro Leão para o *Times*, retoma um desses três aspectos, para ele o Nordeste do romance de José Américo é demarcado pela destruição provocada pela estiagem.

Depois desse texto, o Nordeste submerge novamente nas páginas do *The New York Times*. Os textos enviados pelo correspondente Garcia continuam sendo publicados no diário nova-iorquino, mas a maior parte deles versavam sobre questões políticas e econômicas centradas especialmente na capital federal e no estado de São Paulo, principal polo econômico do país. No cenário político brasileiro de então, se debatiam questões sobre o texto constitucional que estava sendo elaborado pela Assembleia Nacional Constituinte. A nova carta magna foi promulgada em julho de 1934 e estabelecia, entre outras determinações, uma primeira eleição indireta para presidente naquele mesmo ano, com os votos dos membros da assembleia, e depois eleições diretas para o cargo a serem realizadas em quatro anos. O vencedor da eleição indireta foi Getúlio Vargas que iniciou a fase constitucional de sua primeira e longa - um total de quinze anos - passagem pelo Palácio do Catete, então sede do poder executivo brasileiro.

²⁵ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo/Recife: Cortez/Massangana, 2009. p. 79.

Se trazer um correspondente foi uma aposta para uma cobertura diferenciada da efervescência política brasileira, isso se revelou uma estratégia promissora nos meses finais de 1935. Na noite de 23 de novembro eclodiu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma revolta armada no 21º Batalhão de Caçadores que tomou o poder da cidade e também se espalhou para o interior. No dia seguinte, já informados da rebelião no outro estado, se iniciou uma quartelada na 2ª Companhia do Exército de Pernambuco. Já no dia 27 se levantaram militares de várias divisões da capital federal em apoio aos amotinados nos dois estados. A historiadora Marly Vianna²⁶ aponta que por trás da unidade que se estabelece para esses movimentos quando os intitula genericamente de Intentona Comunista, há uma multiplicidade de ações, planos e motivos. Nesse caldeirão estão incluídos: parte dos membros do tenentismo que havia apoiado Vargas cinco anos antes; da Internacional Comunista sediada em Moscou; da Aliança Nacional Libertadora, fechada pelo governo meses antes; do Partido Comunista do Brasil; e de civis e militares que não faziam parte de qualquer organização. Os três movimentos não resistiram muito tempo, o mais longevo foi o iniciado em Natal que durou apenas quatro dias. Em sua investigação sobre a trajetória de Getúlio Vargas e o controle social no país, o sociólogo R. S. Rose²⁷ sublinha a intensa repressão aos levantes armados, utilizando tropas estaduais, federais e mesmo espões para vencer os revoltos. Depois de terminados os combates, foi iniciada uma perseguição a todos considerados subversivos na ótica do aparelho repressivo governamental, o que resultou em prisões, torturas, assassinatos e deportações.

No curto espaço de tempo no qual os movimentos armados tomaram o controle de cidades e batalhões e conseguiram combater as tropas leais ao governo, as notícias sobre uma revolução ocorrendo em vários pontos do país ganharam destaque na imprensa brasileira e estrangeira. Uma nota na capa da edição de 25 de novembro produzida pela *Associated Press*

²⁶ VIANNA, Marly de A. Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 27.

²⁷ ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil – 1930-1954*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 87.

apresenta as primeiras informações do um movimento armado no país publicadas no *NYT*:

O governo brasileiro, foi anunciado oficialmente essa noite, enviou tropas, unidades navais e aviões militares às pressas para a parte nordeste do país para suprimir uma revolta certamente apoiada por comunistas. [...] Observadores informados disseram que a revolta, se não for controlada, deve se tornar um movimento socialista anti-imperialista. Havia suspeitas desse plano há meses. O receio expresso foi o de que ele cresça e envolva toda a nação. A censura para despachos enviados foi estabelecida hoje, mas foi revogada depois.²⁸

Assim “a parte nordeste do país” emerge novamente nas páginas do *Times* diretamente na capa como um palco de revoltas armadas. A nota põe os leitores a par de um quadro revolucionário que se desenvolve em um recorte específico do país e grifa que é considerado certo o envolvimento dos comunistas. Dessa forma o recorte espacial como a ser caracterizado não pelas imagens de fome e seca - como no artigo de dois anos antes - e sim por uma revolução socialista, a qual se teme que abarque todo o Brasil caso não seja derrotada. O controle de informações que a nota faz referência é pertinente para se pensar em dois pontos. O primeiro é questionar o motivo pelo qual o jornal não publicou uma notícia enviada pelo seu correspondente no Rio de Janeiro, talvez seu despacho tenha sido retido pela censura estabelecida. O segundo tem a ver com uma nota de apenas uma frase enviada de Buenos Aires e publicada na mesma edição, na qual se afirma que circulavam informações na capital do Brasil que Luís Carlos Prestes estaria à frente do movimento. A nossa hipótese é que ao mesmo tempo o governo brasileiro estava impedindo que certas matérias saíssem do país para serem publicadas no exterior, ele também estava controlando as informações vinculadas nas permitidas. Assim a referência a Prestes não está presente na nota que aborda os movimentos do governo chefiado por

²⁸ NYT, 25 nov. 1935, p. 1. “The Brazilian Government it was officially announced tonight has ordered troops, naval units and army planes rushed to the northeastern part of the country to suppress a revolt assertedly aided by Communists. The soldiers of the Twenty-first Battalion of Chasseurs at Natal, capital of the State of Rio Grande do Norte. [...] Informed observers said the revolt, if unchecked, might develop into a Socialist-anti-imperialist movement. It plans had been suspected for several months. Fears were expressed that such as development would embrace the entire nation. The Censorship to outgoing dispatches was established today, but was relaxed later”.

DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Vargas para combater a revolta armada e que afirma que a censura foi suspensa. O trabalho dos jornalistas²⁹ que publicam no diário era monitorado por autoridades brasileiras, uma conjuntura que é relevante para nossa investigação.

No dia seguinte o diário estampou na sua capa uma extensa matéria do correspondente Frank M. Garcia. Essa é primeira contribuição do jornalista que chegou a primeira página e também a primeira que informa seu nome. Temos um duplo movimento, por meio dos levantes armados o Nordeste ganha notoriedade e sai do fundo do jornal, bem como o correspondente no Brasil é premiado com seu nome e texto na capa. Abaixo da manchete “LEI MARCIAL NO BRASIL É PROCLAMADA POR VARGAS; REBELDES PERDEM PERNAMBUCO”, ele trata do que seriam os últimos desdobramentos na luta contra os revolucionários:

A lei marcial para sessenta dias foi votada pelo Congresso esta noite a pedido do presidente Getúlio Vargas e seu gabinete, enquanto o exército federal, forças da marinha e aeronáutica combatiam revolucionários nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Regimentos se amotinaram nos dois estados e tomaram as cidades de Pernambuco (Recife) e Natal. O governo informou que tropas leais expulsaram os rebeldes da cidade de Pernambuco e agora estão lutando contra eles nos subúrbios. Natal ainda é controlada por rebeldes.³⁰

A matéria precisa os estados onde os motins haviam eclodido, Rio Grande do Norte e Pernambuco e informa onde ainda estavam ocorrendo os combates com as tropas leais. O correspondente se foca especialmente nas manobras governamentais, a aprovação da lei marcial e os usos das forças militares do país no sufocamento dos rebeldes ocupam grande parte do seu texto. Sob este ponto de vista, Garcia estabelece os focos de combate em Recife e Natal, a cidade que ainda permanecia sob controle dos revoltosos.

²⁹ Não foi possível identificar quem seria o correspondente da *Associated Press* – ou se era apenas um – no recorte temporal da década de 1930 até 1945.

³⁰ NYT, 26 nov. 1935, p. 1. “MARTIAL LAW FOR BRAZIL IS PROCLAIMED BY VARGAS; REBELS LOSE PERNAMBUCO”. “Martial law for sixty days voted by Congress tonight at the request of President Getulio Vargas and the Cabinet, while Federal Army, naval, and air forces battled revolutionists in the States of Pernambuco and Rio Grande do Norte. Regiments mutinied in two States and seized the cities of Pernambuco (Recife) and Natal. The government reported that loyal troops drove the rebels from the city of Pernambuco and are now fighting them in suburbs. Natal is still held by rebels”.

Sobre o Nordeste, suas referências não se vinculam a concepção de matas e campos destruídos pela estiagem do artigo de Josias Leão, já que os embates com os rebeldes se estabeleciam nas cidades e redondezas.

O Nordeste onde surge os regimentos amotinados é citadino, a disputa com as tropas governamentais é pelo controle de dois sítios urbanos importantes como as cidades de Recife e Natal. O espaço urbano se destaca também na principal fotografia escolhida para a matéria (a Figura 1). Se trata de uma visão aérea da capital do Rio Grande do Norte, nela se sobressaem a direita a curva de um grande rio – que sabemos ser o Potengi – e a esquerda as construções da cidade, a maior parte delas casas, mas também edificações de maior vulto como galpões, prédios com alguns andares e o porto. Esse último é referenciado também na legenda da foto: “Uma visão aérea do importante porto marítimo de Natal, reportado como tomado por tropas liberadas por comunistas”³¹. A matéria não esclarece especificamente porque o porto da capital norte-rio-grandense seria importante, nem de quando é a fotografia, mas registra que forças governistas e rebeldes guerreiam pelo domínio de cidades importantes do Brasil. Assim como no texto, a fotografia e sua legenda apontam o espaço citadino como o lugar de atuação rebelde, o Nordeste onde aparecem os movimentos revolucionários é o das cidades e seus subúrbios. Mesmo em um país onde a maior parte da população ainda estava no campo, as capitais são um território estratégico nos termos de sublevações que buscavam tomar o poder³². Elas concentram os bancos, quartéis, aeroportos, centrais de comunicação, igrejas, sedes do poder executivo e legislativo que precisam ser controlados para garantir o sucesso da revolução.

³¹ NYT, 26 nov. 1935, p. 16. “An aerial view of the important seaport of Natal, reported taken by soldiers led by Communists”.

³² O Brasil só viria a se tornar um país onde a maior parte da população está nas cidades a partir da década de 1970. O trabalho de Homero Costa (1995), por exemplo, apresenta a espacialização dos revolucionários do Rio Grande do Norte tomando diversos pontos considerados estratégicos de Natal, como o porto e o banco do estado.



Figura 1. Vista aérea da cidade de Natal. (NYT, 26 nov. 1935, p. 16)³³



Figura 2. Mapa de onde haveriam eclodido os movimentos rebeldes. (NYT, 26 nov. 1935, p. 16)



Figura 3. Fotografia do presidente do Brasil, Getúlio Vargas (NYT, 26 nov. 1935, p. 16)

³³ As duas fotografias e o mapa pertencem ao acervo do *The New York Times* e não constam o nome dos seus autores. Não há quaisquer restrições quanto ao uso das *imagens* do acervo do jornal, desde que elas forem referenciadas. Foram reproduzidas em escala de $\frac{1}{2}$ em relação a página do jornal respeitando as proporções originais.

Geralmente o diário de Nova York publicava apenas uma imagem para uma matéria importante que fosse tema da capa. No caso da edição de 26 de novembro não havia apenas uma para o texto do correspondente do Brasil, mas sim três. A quantidade ressalta a relevância do texto de Frank Garcia para aquela edição mas também aponta para um processo de transformação na política de publicação de imagens do *Times*. Gay Talese³⁴ destaca que a direção do jornal nos anos 1930 só as permitia para assuntos de suma importância como a morte de um presidente³⁵. Essa mudança possibilitou que o trabalho do correspondente no Brasil fosse incrementado com imagens, a maior delas com quatro colunas é a vista aérea de Natal, que ilustra o espaço onde os combates estão acontecendo. A fotografia de Getúlio Vargas (Figura 3) apresenta ao público leitor o presidente do Brasil. O personagem principal dos textos de Garcia publicados naquela época, aparece mobilizando as forças armadas do país, discursando em vários lugares e também solicitando a aprovação do estado de sítio ao Congresso.

Ao contrário das fotografias, que foram retiradas do acervo do jornal, o mapa (Figura 2) foi produzido, ou pelo menos atualizado para atender especificamente a matéria. A escala escolhida, 400 milhas por polegada³⁶, pode ser utilizada para divisar as fronteiras políticas entre países ou estados, em casos de territórios extensos como o Brasil e os Estados Unidos. Se trata de um recorte dentro de um mapa do país, não há o estado do Amazonas, já o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul estão pela metade³⁷. Em negrito estão os nomes das duas cidades onde se centram as duas matérias, a capital do país de onde partem as decisões do governo federal e onde os correspondentes escrevem, e o foco dos combates, a capital do Rio Grande

³⁴ TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. p. 64.

³⁵ Apesar de ter passado por política de expansão do uso de imagens, o *NYT* até hoje evita o uso delas nas suas capas. Nessa matéria sobre os movimentos armados em 1935, por exemplo, a maior parte do texto está na primeira página, mas as fotografias e o mapa estão na continuação do texto na página 16.

³⁶ Uma polegada mede 2,54 centímetros.

³⁷ Em 1935 se utilizava a divisão estadual de 1889, não existiam ainda os atuais estados Acre, Roraima, Rondônia, Amapá, Mato Grosso do Sul, Tocantins que surgiram ao longo do século XX.

do Norte. A legenda explicita os destaques no mapa: “Comunistas levantaram-se em quatro estados no nordeste e um no sudeste, mostrados no sombreado”³⁸. A partir dela o que era uma cartografia dos estados do Brasil com movimentos revolucionários, passa também comportar uma organização espacial que ultrapassa as fronteiras estaduais. Ela remete a uma divisão do Brasil a partir de duas designações, o nordeste e o sudeste do país, da primeira fariam parte os estados Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Alagoas, e da segunda o Paraná. Ao sublinhar que os quatro estados estão no nordeste do país, a legenda introduz no mapa a sua representação enquanto recorte espacial ampliado que engloba os territórios estaduais. As fronteiras desse recorte são imprecisas, na medida em que apenas posicionam os quatro estados dentro dele e não delimitam se seria formado apenas por eles. O texto de Garcia não faz referência especificamente aos estados da Paraíba, Alagoas e Santa Catarina, mas eles estão presentes na matéria da *AP* publicada na sequência da matéria do correspondente exclusivo do *Times*. Ela repete boa parte do que Frank Garcia escreveu, apresenta as movimentações das forças leais ao governo e os combates na capital potiguar. A principal diferença é que ela identifica rumores de sublevação nesses outros três estados, estendendo o movimento revolucionário no território brasileiro.

Além de delinear por meio da cartografia, fotografia e escrita o palco da revolta em andamento e alguns dos atores em ação – como o presidente Getúlio Vargas e seus representantes –, Garcia também se preocupa em apresentar aqueles que seriam os seus opositores, os revolucionários. Entre os informes sobre os avanços das tropas governistas ele escreveu:

Os rumores de uma revolta iminente abraçando toda a república, que têm sido recorrentes por algum tempo, se materializaram na noite passada quando os movimentos sediciosos eclodiram simultaneamente em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. De acordo com o governo, o movimento é resultado da dissolução realizada pelo próprio governo da Aliança Nacional Libertadora, sobre a qual foi dito que tinha um programa comunista. [...] O capitão Flinto Muller, o chefe de polícia do Rio de Janeiro afirmou que a

³⁸ NYT, 26 nov. 1935, p. 16. “Communists have risen in four States in the northeast and one in the southeast, shown in the shading”.

Aliança tem um vasto programa revolucionário dirigido por Moscou visando derrubar o governo, redistribuição da riqueza nacional, repúdio a dívida externa e nacionalização dos serviços públicos e linhas de transporte³⁹.

O correspondente apresenta o Brasil atravessado por rumores de sublevação e os movimentos em Natal e Recife como a concretização dessa série de temores. Depois de posicionar a sedição em esfera nacional, ela informa os leitores qual seria a causa das ações revolucionárias, a dissolução da Aliança Nacional Libertadora. É interessante notar que Frank Garcia, em nenhum momento, na cobertura dos movimentos armados de 1935, afirma diretamente a influência comunista sobre eles. O correspondente apresenta nos seus textos essa leitura, mas a vincula aos representantes do governo brasileiro. A estratégia utilizada comumente por ele é técnica da reportagem, no qual as suas frases estão intercaladas com a fala de suas fontes de informação. Dessa forma quem caracteriza a ANL⁴⁰ é o chefe de polícia Flinto Muller. Na mesma matéria, ele também reporta uma fala do presidente brasileiro informando que a revolução em andamento queria romper a ordem política e social por meio da implantação de um regime radical. Dessa forma os revolucionários das duas capitais do Nordeste foram apresentados pelas palavras do governo que as combate, seriam comunistas guiados pela União Soviética que queriam destituir o governo e destruir toda

³⁹ NYT, 26 nov. 1935, p. 16. “Rumors of an impending revolt embracing the entire republic, which have been current for some time, materialized last night when seditious movements broke out simultaneously in Pernambuco and Rio Grande do Norte. According to the government, the movement is outcome of the dissolution by government of the National Liberators Alliance, which was said to have a communist program. [...] Captain Flinto Muller, the Rio de Janeiro police chief, then charged the alliance had a vast revolutionary program directed by Moscow aimed at the overthrowing of the government, redistribution of national wealth, repudiation of the external debt and nationalization of public utilities and transportation lines”.

⁴⁰ A ANL foi uma organização fundada em março de 1935 congregando pessoas de variadas matizes políticas - católicos, comunistas, democratas e socialistas - e grupos sociais - intelectuais, profissionais liberais, militares e proletários. Propunham uma luta contra o latifúndio, a miséria, o imperialismo e o fascismo. Seu presidente de honra era Luís Carlos Prestes, líder tenentista que participou de movimentos revolucionários em São Paulo nos anos 1920 e identificado com o Partido Comunista do Brasil na década seguinte. Para aprofundamento ver: ABREU, Alzira Alves de. *Aliança Nacional Libertadora (ANL)*. In: _____ (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/> .> Acesso em: 27 abr. 2014.

ordem estabelecida distribuindo bens, nacionalizando empresas e não pagando a dívida externa.

A reportagem de capa do dia seguinte informou os leitores que os rebeldes foram vencidos em todos os estados menos no Rio Grande do Norte. E, em meio a apresentação dos feitos das tropas governistas, o correspondente norte-americano tratou das condições de cobertura dos movimentos armados. Ele relatou que:

Comunicações telegráficas entre o Rio de Janeiro e Natal foram cortadas e só há notícias escassas circulando na fronteira Rio Grande do Norte-Paraíba que são retransmitidas a partir de lá, por isso, é impossível verificar exatamente o que aconteceu em Natal. A partir de hoje, todas as notícias domésticas foram censuradas, enquanto os escritórios de cabos internacionais foram aconselhados a não aceitar despachos levando reportagens alarmistas. [...] A imprensa atribui a revolta a elementos estrangeiros, O Jornal, citou um discurso do delegado da Holanda no congresso do Comintern em Moscou em relação a propaganda comunista, sobretudo no Brasil.⁴¹

Ao sublinhar a impossibilidade de confirmar os acontecimentos em Natal e a censura à imprensa, o jornalista do diário estadunidense toca em dois aspectos relevantes para pensarmos nas representações do Nordeste. Uma de suas fontes principais para ele produzir as notícias são os anúncios do próprio governo que está combatendo os rebeldes. Essa constatação nos permite pensar que detinha sob seu controle um poder considerável de informação e desinformação para fazer uso. Se grande parte daquilo que Frank Garcia acessa sobre os movimentos armados é produzido por portavozes oficiais, ele está trabalhando a partir um discurso que pré-estabelece certas representações do Nordeste. Este seria o recorte espacial no qual os comunistas norteados pela União Soviética tentam estabelecer revoluções para derrubar o governo constitucionalmente estabelecido e destruir a

⁴¹ NYT, 27 nov. 1935, p. 10. “Telegraphic communications between Rio de Janeiro and Natal have been severed and there is only meager news trickling over the Rio Grande do Norte-Parahyba frontier and relayed from there, so it is impossible to verify exactly what has taken place at Natal. Beginning today, all domestic news was censored, while the international cable officers were advised not to accept dispatches carrying alarmists reports [...] The press attributes the revolt to foreign elements, O Jornal quoting a speech delibered by the delegate from the Netherlands at Comintern congress in Moscow regarding international Communistic propaganda, especially in Brazil”.

ordem. Nessa matéria, o correspondente cita um dos veículos de imprensa que partilhavam desse discurso, *O Jornal*, sediado no Rio de Janeiro. O diário controlado por Assis Chateaubriand, segundo Carlos Eduardo Leal (2010), era um veículo controverso em relação ao governo chefiado por Vargas, mas um ferrenho crítico da ANL e dos movimentos armados de 1935 e seu líder Luís Carlos Prestes. O jornal carioca foi um dos que também relacionou os revolucionários do Nordeste e o comunismo estabelecendo laços entre eles e o Comintern, a Terceira Internacional Comunista, organização criada em 1919 pelo líder russo Vladimir Lênin para reunir partidos ao redor do globo.

O jornalista também se referiu a outra forma que esse governo atuaria para mediar o que se escreve sobre os movimentos armados que estavam ocorrendo naqueles dias, a censura. Dois dias antes o *Times* já havia publicado a nota da *AP*, a primeira sobre os levantes revolucionários, que também tocou no assunto avisando que a censura havia sido estabelecida e depois revogada naquele dia. Nessa reportagem, Frank M. Garcia considera ela como sendo propriamente o controle prévio do que é vinculado nas publicações, nesse sentido, apenas as publicações brasileiras estariam sendo censuradas. No entanto, em um sentido mais amplo, devemos considerar também o “conselho” para não se enviar reportagens “alarmistas” sobre o movimento também é uma tática para controlar o que é publicado sobre a situação do país no estrangeiro.

As duas estratégias são complementares, noticiar e restringir o que pode ser noticiado possibilitava estabelecer um recorte do que é publicável sobre o assunto, pelo menos a partir do Brasil. Os grandes jornais do Rio de Janeiro e São Paulo⁴² foram alvos centrais de ambas, suas coberturas passeiam, em geral, pelos mesmos temas trabalhados na cobertura dos correspondentes da *Associated Press* e do *New York Times* só que com mais detalhes. Apresentam as manobras do governo, os rebeldes liderados por

⁴² Consultamos as edições entre o final de novembro e dezembro de 1935 dos jornais cariocas disponíveis na Hemeroteca Digital da BN. Entre eles: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário da Noite* e *A Manhã*. Da capital paulista, acessamos a *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* em seus acervos particulares.

DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Luís Carlos Prestes ligados ao comunismo, bem como os últimos detalhes dos combates em Recife, Natal e Rio de Janeiro. O único jornal que consultamos que não estava afinado com os demais foi o *A Manhã* da capital federal, fundado por Pedro Motta Lima em abril daquele mesmo ano, um jornal ligado ao Partido Comunista e a Aliança Nacional Libertadora. Sua cobertura enfatizava revoluções comandadas pelo povo ocorrendo em diversos pontos do território nacional e apontava vitórias rebeldes nos combates em Recife e Natal. Suas representações de um Nordeste onde a massa se comunga para vencer as forças opressoras dos governos estaduais e do federal tiveram vida curta, ele foi fechado pelo governo apenas sete meses depois da primeira edição, em 27 de novembro, quando ainda ocorriam os combates⁴³. Como esperado, não encontramos quaisquer referências a atividade de censura nas edições dos jornais cariocas e paulistas. Parece-nos que os correspondentes estrangeiros estavam em uma posição privilegiada em relação aos que trabalharam para os jornais brasileiros, em uma zona onde o poder da censura varguista estava presente, mas era atenuada.

Nos quatro dias seguidos o correspondente exclusivo do diário e o da *AP* escreveram sobre os desdobramentos das sublevações; diversas vezes eles citaram o *northeast* do Brasil. Por meio da cartografia foram apresentados os estados em que se situavam os movimentos revolucionários no país, mas ao mesmo tempo essa cartografia acionou uma organização espacial em recortes mais amplos, a legenda do mapa apresenta o sudeste e o nordeste do Brasil. Se o *Northeast* comentado dois anos antes na seção de livros estava no interior do jornal, as sedições armadas nos estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte lançaram o recorte espacial e o trabalho de Frank Garcia para a capa. No artigo de Josias Leão o Nordeste é o espaço da fome e da terra seca, nas matérias de 1935 ele é o palco dos embates e dentro dele são os sítios urbanos. As capitais e seus subúrbios – especificamente Recife e Natal – são centros de poder militar, econômico e

⁴³ Uma matéria do Observatório de Imprensa (19 set. 2011) recupera a trajetória do jornal. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_terror_de_presidentes Acesso 13 jun. 2014.

político, são os lugares em disputa, o jornal apresenta os jogares: Getúlio Vargas e seus representantes contra os amotinados.

A perspectiva da narrativa publicada no *Times* é a do governo sediado no Palácio do Catete, a de uma força política estabelecida que enfrenta uma insurreição. Através desse viés o jornalista norte-americano recupera as palavras de Vargas e autoridades sob seu comando para definir contra quem eles estavam lutando. Assim esse Nordeste de cidades importantes – apresentadas pela fotografia aérea do porto de Natal – é demarcado como espaço de atuação dos inimigos vermelhos, os comunistas. A Aliança Nacional Libertadora chefiada por Luís Carlos Prestes, proibida pelo governo meses antes, seria a organização por trás dos indivíduos que queriam derrubar o presidente e fundar um regime aproximado da União Soviética. Sublinhamos o papel ativo do governo brasileiro na vinculação dessas representações do Nordeste urbano e revoltoso via o fornecimento de informações e da censura à imprensa. O *The New York Times* não passou ao largo dessa atuação, só que ao contrário dos jornais brasileiros, o diário nova-iorquino pode – através dos textos tanto Frank Garcia quanto do correspondente da *Associated Press* – comentar a instalação de mecanismos de controle sobre o que imprensa nacional e internacional estava trabalhando no país.

Recebido em 03.12.2014
Aprovado em 16.04.2015